

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI

HEITOR LOPES

**JORNALISMO E TECNOLOGIA NA CONTEMPORANEIDADE:
Um estudo sobre a Produção Digital**

**SÃO PAULO
2010**

HEITOR LOPES

**JORNALISMO E TECNOLOGIA NA CONTEMPORANEIDADE:
Um estudo sobre a Produção Digital**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, pelo Programa de Mestrado em Comunicação, área de concentração em Comunicação Contemporânea, da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação do Prof. Dr. Vicente Gosciola.

**SÃO PAULO
2010**

L852j Lopes, Heitor

Jornalismo e tecnologia na contemporaneidade: um estudo sobre a produção digital / Heitor Lopes. – 2010. 52f.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Vicente Gosciola.
Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2010.
Bibliografia: f.51-52.

1. Comunicação. 2. Produção Jornalística. 3. Informação.
4. Era Digital. 5. Convergência de Mídia. I. Título

CDD 302.2

HEITOR LOPES

**JORNALISMO E TECNOLOGIA NA CONTEMPORANEIDADE:
Um estudo sobre a Produção Digital**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, pelo Programa de Mestrado em Comunicação, área de concentração em Comunicação Contemporânea, da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação do Prof. Dr. Vicente Gosciola.

Aprovada em ___/___/_____

Prof. Dr. Vicente Gosciola

Profa. Dra. Maria Ignês Carlos Magno

Prof. Dr. Osvando José de Moraes

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos meus pais, Marco Antônio Lopes e Regina Helena Spirandelli Lopes, por não medirem esforços ao investir tudo o que foi necessário para que eu terminasse esta pesquisa. À minha irmã, Cybele Cristina Lopes, que, apesar da distância, sempre me deu seu apoio e esteve presente no meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus amigos por sempre me darem forças nos momentos em que me faltava disposição para continuar a escrever. Ao meu amigo e irmão, Carlos Alberto Soares, por fazer parte da minha vida e acreditar que este trabalho poderia sim ser concluído, me fazendo pensar duas vezes antes de desistir. Não esquecendo das noites de insônia, quando pensava que não iria conseguir e ele sempre acordado para atender meus telefonemas, conversar, me dar apoio e revigorar minhas energias.

Ao meu orientador Prof. Vicente Gosciola por entender minhas ausências em nossas reuniões e por fazer de tudo para me ajudar a cada semestre. Ao Prof. Rogério Ferraraz por acreditar em meu potencial no processo seletivo para o Mestrado e por fazer parte do processo de construção desta dissertação. Agradeço, também, ao colega Marcos Aleksander Brandão por me ajudar desde a qualificação até o término desta dissertação.

A todos os professores do Mestrado em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi que estiveram presentes em toda a minha trajetória no curso, em especial à Profa. Maria Ignês. Aos amigos de sala de aula e às demais pessoas que se envolveram neste trabalho e contribuíram para o término de mais uma fase da minha vida acadêmica.

*Desespero e esperança, indiferença ociosa.
Quanto mais a ampulheta eu via a se esvaziar,
Mais a tortura me era atroz e deliciosa;
Meu coração fugia ao mundo familiar.
Eu era uma criança à espera do espetáculo (...),
O pano já caíra e eu não me fora embora.*

(Charles Baudelaire)

RESUMO

Para entendermos o jornalismo contemporâneo é essencial analisar as relações entre os consumidores de informação, as mídias em que são publicadas tais informações e o processo no qual é produzida a informação. Atualmente, a velocidade em que são publicadas as notícias em novas mídias, como a web, é tão rápida que a própria notícia mudou o seu formato, fragmentando-se e ao mesmo tempo ligando os fragmentos na rede. Essas mudanças na produção jornalística só foram possíveis graças aos avanços da tecnologia, a convergência das mídias e a mudança do próprio consumo de informação. Entre a pesquisa teórica e a reflexão sobre a prática de produção telejornalística, este trabalho tem como objetivo analisar (1) os processos de produção de um telejornal e (2) como a tecnologia digital mudou as redações jornalísticas nas emissoras de televisão. O principal objeto de estudo é a prática em processos digitais do produtor (jornalista). Como resultado, este estudo detalha as fases de produção jornalística, relacionando os pontos de mudanças entre essas fases com os avanços tecnológicos. A partir daí, pela análise de todo esse processo de transformação, é possível entender o jornalismo contemporâneo, suas engrenagens e como é produzida a notícia na era digital.

Palavras-chave: Produção jornalística. Tecnologia. Convergência das mídias. Informação. Era digital.

ABSTRACT

In order to understand the contemporary journalism, it is essential to examine the relationship among information consumers, the media in which such information is published, as well as the process in which it is produced. Nowadays, the speed at which the news are published in the new media, such as the web, is so fast that news itself has changed its format, breaking up while connecting fragments in the network. These changes in television news production were only possible thanks to advances in technology, media convergence and change of the consumption of information itself. Between the theoretical and the reflection on the practice of news production, this work aims to analyze (1) the production processes on television news and (2) how digital technology has changed journalism in the newsrooms of broadcast television. The main object this study is the producer (journalist) practice in digital processes. As a result, this work details the stages of news production, connecting the dots between these changes and technological advances. Thereafter, the analysis of all this transformation process, allows understanding contemporary journalism, their gears and how news is produced in the digital age.

Keywords: Journalistic production. Technology. Media convergence. Information. Digital era.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. AS TRANSFORMAÇÕES DA TECNOLOGIA E O JORNALISMO	
CONTEMPORÂNEO	09
1.1. Comunicação Tecnológica	09
1.2. Relação entre a Tecnologia e o Trabalho	10
1.3. Jornalismo Tecnológico Contemporâneo	13
2. JORNALISMO SENSACIONALISTA	17
2.1. A Prática Sensacional	17
2.2. Fontes Culturais da Imprensa Sensacionalista	22
3. A SINERGIA INTERMEIOS	26
3.1. Quebrando as Fronteiras	26
3.2. Comunicação e o Computador	28
3.3. Divulgando a Informação na Contemporaneidade	31
3.4. A Engrenagem de um Telejornal.....	37
4. A FRAGMENTAÇÃO DA NOTÍCIA NO WEBJORNALISMO	40
4.1. O Espaço em um Tempo Menor	40
4.2. Webjornalismo	41
4.3. Jornalismo e o Imediatismo	43
4.4. O Fragmento Minuto a Minuto	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

INTRODUÇÃO

O interesse pela tecnologia e o fascínio pelo jornalismo foram os motivos principais para a realização deste trabalho. Com o tema voltado para o ramo de atuação do jornalista e na análise da junção do mundo digital na prática jornalística, percebemos como as inovações tecnológicas vêm mudando os processos de produção dessa área profissional e, com o apoio deste estudo, encontramos um maior aprofundamento através das pesquisas e das análises apoiadas em diversos autores.

Inicialmente, este trabalho teve como foco o telejornalismo contemporâneo e suas modificações de acordo com as inovações tecnológicas. Com o início do programa e das disciplinas cursadas, o objeto de estudo então escolhido se transformou no próprio jornalista produtor. Estudos com base nos autores analisados ao longo de quatro semestres indicaram que o jornalismo sempre esteve ligado ao desenvolvimento da tecnologia. Com as transformações tecnológicas decorrentes do progresso jornalístico, a maneira de se produzir jornal nas redações, televisões e rádios acabou por sofrer adequações e mudanças. Neste trabalho, apresentamos como essas mudanças estão diretamente ligadas às inovações tecnológicas e como todo o processo, desde a coleta de informação até a sua veiculação, se modificou.

A mudança e desenvolvimento tecnológico experimentado atualmente é refletida em todos os segmentos da sociedade. Presenciou-se o surgimento de diversas inovações tecnológicas no século XX, de extrema importância na área da comunicação, dando destaque à televisão, ao rádio, ao computador, ao celular e à internet. Essas foram muito importantes para as épocas em que foram criadas e, ainda, possuem um forte papel no cotidiano de todas as pessoas, não havendo a anulação de uma com o surgimento da outra. A introdução de novas tecnologias no século passado gerou tensão entre a mídia antiga e a atual.

Já lido acima, o jornalismo sempre esteve conectado à tecnologia, mesmo que alguns jornalistas ainda acreditem que a profissão é movida pela criatividade e não se sustenta tecnologicamente. Uma das questões que pretendemos abordar neste trabalho é a relação direta, o casamento do jornalismo e da tecnologia e a mudança no cotidiano dos jornalistas. Com a introdução dos computadores, os

profissionais tiveram de se adaptar à nova realidade profissional através da maior qualificação, da especialização crescente, das mudanças no ambiente de trabalho e, principalmente, da sobrecarga e intensificação do trabalho. Mas é na linha de produção de um jornal, ou revista, que notamos as mudanças mais radicais, tal como o diagramador que passa a ter um novo software de edição de imagens.

Nos jornais e revistas da década de oitenta (historicamente), abrangendo televisão e rádio, quando as inovações no campo da tecnologia transformaram o jornalismo e o seu profissional, tudo para se adequar às novas tendências e às necessidades do público, bem como se manter atualizado para atender aos telespectadores e aos ouvintes. A ideia deste tema é a de tentar entender um pouco mais sobre como a tecnologia consegue mudar o campo de uma área profissional, neste caso o jornalismo, e como funciona a engrenagem dessa mudança na relação entre o profissional, o campo em que ele trabalha e as inovações tecnológicas.

1. AS TRANSFORMAÇÕES DA TECNOLOGIA E O JORNALISMO CONTEMPORÂNEO

1.1. Comunicação Tecnológica

As transformações tecnológicas experimentadas atualmente são refletidas em todos os segmentos da sociedade e, na busca de informação (notícia), é uma ferramenta que, assim como a conquista dessa informação, caracteriza uma forma de poder. O mundo presenciou o surgimento de diversas inovações tecnológicas no século XX, podemos destacar as mais importantes e relevantes na área da comunicação, entre elas se destacam a televisão, o rádio, o cinema, o celular, o computador e, por último, a internet. Todas elas foram muito importantes para época em que foram criadas e ainda possuem um forte papel no cotidiano de todos nós. Sendo que não houve anulação de uma com o surgimento da outra. A introdução de novas tecnologias no século passado gerou tensão entre a mídia antiga e a nova (atual que se conhece).

Previsões eufóricas saudaram o advento do telégrafo Morse e das maravilhas da comunicação que lhe seguiram [...] cada uma parecia prometer a disseminação mais ampla de informações e de idéias. Pode-se afirmar que isso aconteceu como se previa. Mas outros resultados, em direção contrária, não foram previstos com igual facilidade. Cada novo veículo oferecia novas possibilidades para a centralização de influência e controle e introduzia possibilidades monopolistas¹ (BARNOUW, 1982)

Conforme dito anteriormente, o jornalismo sempre esteve ligado à tecnologia, mesmo que alguns jornalistas ainda acreditem que a profissão é movida pela criatividade e não se sustenta tecnologicamente. Uma das questões que pretendemos abordar neste trabalho é a relação direta, o casamento do jornalismo e da tecnologia e a mudança no cotidiano dos jornalistas. Com a introdução dos

¹ Erik Barnouw, "Historical Survey of Communication Breakthroughs" in The Communications Revolution in Politics, org. Gerald Benjamin, relatórios da Academy of Political Science 34, n.4, 1982, p.13

computadores, os profissionais tiveram de se adaptar à nova realidade profissional através da maior qualificação, da especialização crescente, das mudanças no ambiente de trabalho e, principalmente, da sobrecarga e intensificação do trabalho. Mas é na linha de produção de um jornal, ou revista, que notamos as mudanças mais radicais, tal como o diagramador que passa a ter um novo software de edição de imagens.

Primeiramente nos jornais e revistas da década de oitenta (historicamente), abrangendo televisão e rádio, quando as inovações no campo da tecnologia transformaram o jornalismo e o seu profissional, tudo para se adequar às novas tendências e às necessidades do público, bem como se manter atualizado para atender aos telespectadores e aos ouvintes. A ideia deste tema é a de tentar entender um pouco mais sobre como a tecnologia consegue mudar o campo de uma área profissional, neste caso o jornalismo, e como funciona a engrenagem dessa mudança na relação entre o profissional, o campo em que ele trabalha e as inovações tecnológicas.

1.2. Relação entre Tecnologia e o Trabalho

A máquina como produto da tecnologia e, por sua vez, produto do homem, somente pode ser analisada e entendida se avaliarmos também o seu criador. Nem somente a história, juntamente com as exigências sociais, pode ser levada em conta como fator de desenvolvimento. Somente com a história não é possível entender a máquina. O que de fato temos como base para analisar a máquina, o processo tecnológico, é a história natural do homem. “Tecnologia foi uma palavra introduzida nos Estados Unidos em 1828 – ao mesmo tempo em que o termo ‘revolução industrial’ estava sendo empregado pela primeira vez na França”. Em 1832, o matemático e economista político britânico Charles Babbage (1792 – 1871) publicou *On the Economy of Machinery and Manufactures* e saudou o fato de que “o trabalho de uma centena de artífices agora é feito pelas operações de uma única máquina” (BRIGGS, 2006, p. 120).

A tecnologia e seus feitos somente foram reais devido ao resultado de uma grande gama de conquistas e evoluções referentes ao homem com parte na ciência dos corpos e dos fenômenos da natureza.

De um lado, é imperioso conhecer os fatos históricos do desenvolvimento das máquinas, que não são senão a descrição do progresso do conhecimento das forças naturais crescentemente dominadas pelo homem. Mas por outro lado, essa histórica de fatos destina-se a servir de material para as reflexões filosóficas que a incluirão na verdadeira história que importa traçar, a da capacidade criadora do homem [...] (PINTO, 2005, p. 72).

Tentando refletir sobre as criações humanas atuais, temos que levar em consideração o conceito de mudança, de supressão e sucessão das bases da realidade vigente. Se levarmos em conta somente a transformação do produto, a máquina e não considerarmos, também, a transformação daquilo que o produz, o homem, estaríamos analisando um objeto pela metade. É com este pensamento de que os homens não criam, não inventam e nem fabricam nada que não lhe atendam às necessidades, que poderemos entender melhor o contemporâneo no âmbito jornalístico, modificando totalmente a maneira como a informação é veiculada e produzida, assim como editada. Quando vislumbramos as inovações tecnológicas modernas, passamos a enxergar o mundo com outros olhos.

[...] toda possibilidade de avanço tecnológico está ligado ao processo de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade, a principal das quais cifra-se no trabalho humano. Tal desenvolvimento necessariamente conduz a fraturas, a saltos qualitativos, pelos quais se instalam em certos momentos novas formas de produção (PINTO, 2005, p.49).

Na opinião de Álvaro Vieira Pinto, a posse dos instrumentos tecnológicos era o principal fator para um grupo ser considerado dominante, mas agora ela desempenha um papel quase que oposto comparado às lutas disputadas por tribos em busca de um território de caça. Como naquele tempo, a dominação é sempre determinada por um motivo econômico, captura de recursos para assegurar a posse do centro metropolitano. Sendo assim, a técnica (habilidade para desenvolver novas tecnologias) instaura-se como ferramenta articuladora a fim de se garantir tais objetos de dominação. Quando essa técnica era fraca, buscava-se na quantidade a

solução para o problema. Porém, somente aumentando a quantidade, não obtinha mudança qualitativa na técnica do tempo, mas era o único meio de expandir tecnologicamente, a quantitativa (Ibid.).

Enquanto no passado as necessidades eram supridas pelo acréscimo quantitativo, durante a modernidade é que entramos em um período de transformação qualitativa, podendo se instaurar um novo método na evolução tecnológica. “A incapacidade de explorar eficientemente as invenções criadas pela ciência foi consequência da estrutura da sociedade helenística e das contradições de sua economia” (CHILDE, 1954, p. 253). O ritmo do crescimento metropolitano não vê outra saída à substituição qualitativa.

Por vários séculos o processo produtivo escravista da antiguidade manteve-se na mesma linha de metodologia, limitando as transformações qualitativas da tecnologia como forma de dominação. No entanto, a contemporaneidade demonstra que estamos entrando em uma nova fase da convivência humana. A normalidade desses fatos é real e entendida como normal no processo de desenvolvimento da sociedade, ao qual podemos dizer que a tecnologia teve um papel importante, algumas vezes benéfico e outras vezes maléfico, interferindo no curso social de maneira surpreendente e imprevisível. Na década passada, o aparecimento de novas tecnologias mudou completamente o cotidiano das pessoas, reestruturando o trabalho e o lazer. O computador, por exemplo, ocupou o cargo de muitos empregos, mas também abriu a porta para muitos outros, oferecendo uma porta de acesso à informação de fácil manuseio e à comunicação entre pessoas.

Porém, essas novas tecnologias da informática são ambíguas, tendo efeitos divergentes. Proporcionam uma quantidade maior de escolhas, mais autonomia cultural e a abertura para a troca de idéias e outras formas culturais. Entretanto, também causam o maior controle social possibilitado pelos sistemas eletrônicos.

Todo esse período histórico acima tem a função norteadora para o tema principal deste trabalho, em que procuraremos entender como a tecnologia afeta diretamente a produção do jornalismo e sua mão-de-obra, os jornalistas. E ainda, como o jornalismo contemporâneo aderiu às novas ferramentas de trabalho e faz uso delas, aplicando parte dessa mudança qualitativa que acabamos de ver.

1.3. Jornalismo Tecnológico Contemporâneo

Pesquisadores e jornalistas especializados, como Mark Deuze, afirmam que a ascensão e a consolidação do jornalismo contemporâneo (que é tecnológico, digital e novo) estão alterando aspectos importantes de produção, redação, edição e publicação da notícia, além da circulação, audiência e relação com os receptores. Essa afirmação de que o jornalismo está se transformando, e se encontra em processo de revelação de muitas de suas práticas, pode ser entendida se aceitarmos que a contemporaneidade também está reconfigurando as relações práticas profissionais, mudando todo o ciclo de produção de notícia. Destacando as mudanças mais significativas temos: a facilidade e agilidade de deslocamento; arquivos mais compactos e busca fácil de informações; melhores ferramentas de trabalho facilitando o processo técnico; acesso fácil a fontes de informação; um campo mais aberto para pesquisas; qualidade na análise das informações; diminuição de custos; aumento na produtividade dos jornalistas, principalmente repórteres, e acesso fácil às fontes.

É nítido que a tecnologia está facilitando, podendo ser analisada de forma positiva às mudanças sofridas no campo. Os novos inventos estão exigindo cada vez mais a qualificação do jornalista, mantendo sempre o *upgrade* para tudo aquilo que for novo, sempre ligando as necessidades da prática jornalística e aplicando tais tecnologias com as transformações da sociedade. Obriga acrescentarmos mais habilidades, manuseio de sistemas informatizados e equipamentos cada vez mais modernos. Sempre que algo novo surge, o jornalismo tenta agregar alguma linguagem, a fim de desenvolver outras práticas criando novas formas de levar a informação a todos.

Com essa ligação direta, tanto por parte da transformação social às necessidades quanto para o avanço tecnológico, obrigou o jornalismo a acompanhar essas modificações, fazendo uso de ambas as conexões para conseguir se manter. Trata-se de um padrão com muitos elementos – econômicos, ideológicos, demográficos e políticos. Como a força dominante na comunicação de massa, a mídia desempenha um duplo papel, influenciando e sendo influenciada por esses desenvolvimentos.

Se, de certa forma, tais adequações vieram para melhorar, outras não foram vistas com bons olhos. A diminuição de profissionais na área é um fator a ser considerado como um ponto negativo nesse processo. A tecnologia se fez prática, levando milhares de profissionais a perderem seus empregos à custa dos avanços tecnológicos.

Há alguns anos, quando os serviços de informação da *Television Española* tinham de fazer uma entrevista, mandava-se uma caminhonete com 12 pessoas (repórteres, técnicos de câmera, de iluminação e som e motorista). O material recolhido era entregue a um editor que trabalhava sob as ordens de um diretor. Hoje basta uma pessoa para todas essas tarefas. Um único repórter leva uma câmera digital um pouco maior que sua mão, grava a entrevista, pesquisa material de arquivo na base de dados visuais do servidor da cadeia e edita o programa no próprio computador. Só tem de mandá-lo, pela rede, para o centro difusor (VILCHES, 2003, p. 42).

Com este exemplo é que também entendemos que a máquina está poupando um trabalho, seja muscular ou intelectual, e não ao contrário, conforme frequentemente se pensa. Temos assim a maior facilidade do desenvolver da mentalidade, usado também para a criação de novas tecnologias, formando um ciclo infinito. O homem está sempre criando novos engenhos, mas também possui o anseio de inventar para substituir o antigo, o que implica em uma questão discutida atualmente: o tempo. Exato, os avanços tecnológicos estão surgindo de uma maneira frenética, evoluindo muito rápido, diferente do passado, em que era preciso anos para desenvolver novos adventos.

A sociedade está fazendo o uso de tudo que lhe é lançado à mão, sempre em busca do novo e, é claro, o jornalismo também segue a mesma linha. Quando novas possibilidades surgem, já se pensa em qual seria o formato cabível, como poderiam utilizá-las. A convergência das mídias fez o jornalismo se apropriar de espaços nunca antes usados, como a internet, a mobilidade na telefonia, entre outros. Essa constante transformação, esse constante avanço das mídias e a convergência de algumas delas, obrigaram os profissionais a mudarem o formato da informação, já que agora ela pode ser acessada e publicada de diversas formas em diversas mídias, algumas vezes encontramos a mesma informação em texto, vídeo, foto, publicadas em somente uma mídia, como o celular ou a internet.

Justamente pelo fator tempo, que acelera a criação e o desenvolvimento de novas tecnologias, o que está ocorrendo é uma dinâmica em que as massas (o público, os receptores de informação) estão migrando muito rápidas de uma mídia para outra, de um conteúdo para o outro, acessando de várias formas as notícias com muito mais agilidade, obrigando a atualização da mesma quase que instantaneamente, minuto a minuto. Os novos equipamentos usados na produção de informação, agora digitais e mais compactos, facilitam esse aceleração, ou seja, eles próprios causam essa rapidez na receptividade e também são rápidos produtores de conteúdo. O que abre espaço, ainda, para que mais pessoas, não somente jornalistas, facilmente consigam produzir e veicular algum tipo de informação, fazendo com que o receptor agora assuma uma postura de produtor. As grandes empresas da mídia aproveitam de todo esse cenário, repleto de oportunidades, para atrair o seu público e, como parte fundamental no processo, ganhar dinheiro.

O futuro dos meios de comunicação é a integração dos espectadores e usuários no negócio da comunicação [...] Algo semelhante acontecerá com os espectadores. As televisões proporcionarão os conteúdos, mas as empresas de comunicação se ocuparam de um serviço global e de longo prazo para o usuário, tudo isso reunido numa plataforma multitecnológica (VILCHES, 2003, p.57).

As tecnologias da comunicação que permitirão a convergência dos meios não serão mais voltadas à produção de conteúdo, mas, principalmente, a gerir as relações com os usuários.

Hoje, não é mais suficiente quando um jornalista caracteriza uma informação relevante, de interesse, e pode não satisfazer as necessidades do público. O problema é compreender as novas necessidades informativas e tentar configurá-las nas mais variadas plataformas das mídias. A constante mudança das necessidades sociais, os avanços tecnológicos ligados a essas necessidades, a convergência das mídias, bem como a transformação de todo o cenário do jornalismo afetado por todos esses fatores, torna um desafio à prática da produção de notícia no contemporâneo para os profissionais em campo, que, como vimos anteriormente, obrigados a se adequarem, necessitados de qualificação, intensificados no trabalho, fazem parte da engrenagem midiática.

O jornalismo antigo está tentando e sofrendo muito ao se adaptar às tecnologias de ponta, às mudanças do público e aos desafios dos provedores de informação baseados no computador. Esta mudança está ocorrendo intermitentemente, há muito tempo, porém agora, em ritmo acelerado. Computadores e outras tecnologias digitais estão impondo pressão aos jornalistas, assim como às mídias e estão remodelando o futuro da indústria midiática. Essa introdução da modernidade tecnológica é vista como perigosa; tomamos conhecimento de que a inovação agrega por um lado, mas subtrai de outro, tendo efeitos imprevisíveis.

Diferimos do passado onde a transição tecnológica ocorreu lentamente. O surgimento de mídias antigas como o jornal impresso, o rádio e a TV, foi mais controlado, permitindo que as consequências econômicas e sociais fossem adequadas mais facilmente. Porém agora, o jornalismo lida com a convergência de muitas tecnologias novas, tendo pouco tempo para se adaptar e avaliar seu padrão. O que, é claro, é o fato de que todas essas mídias estarem proporcionando uma abertura maior de opções para produtores (jornalistas). Deve ser repensado o complexo contexto em que vivemos, pois a produção está diretamente afetada ao cenário tecnológico atual.

Há uma relação direta com a sofisticação do processo de contextualização da informação exigida pela audiência decorrente à quebra das barreiras de tempo e espaço. A aceitação desses fatores facilita o vislumbre do profissional necessário para a atualidade; um profissional que faz o jornalismo tradicional, mas que também utiliza de todos os meios ao seu alcance como ferramenta de trabalho diário. É justamente este processo de sinergia, troca, que podemos compreender um pouco a quebra da linha temporal da informação e dos processos de produção acelerada.

Para autores como Paul Virilio (1996), a constatação do tempo real, quando um acontecimento é publicado e esse tempo entre a produção e a divulgação é muito curto, rápido, traz como resultado a valorização da notícia, levando em consideração a velocidade de sua transmissão. Neste caso, a velocidade é a própria informação. Os meios de comunicação precisam levar em consideração aquilo que continua, persiste: “Submetidos à tirania do tempo real, os meios de comunicação não combatem mais somente tudo o que dura, a paz como o resto, são eles agora que não têm mais tempo, mais prazos” (Ibid., p. 54).

2. JORNALISMO SENSACIONALISTA

2.1. A Prática Sensacional

Para autores como Danilo Angrimani (1995), em seu estudo sobre o sensacionalismo, existem algumas peculiaridades em relação à prática sensacionalista. Para entender melhor um pouco a prática dessa ação nas mídias, temos de entender que o sensacionalismo é tido como uma linha editorial adotada pelos próprios meios de comunicação para prender a atenção de seu público, sejam eles leitores, ouvintes ou telespectadores. Podendo ser aplicado a todas as mídias, produzem uma sensação intensa, prendendo a atenção, mantendo o sentimento de instigação e estimulação. Conforme o autor, temos como características principais do sensacionalismo:

1. O enfoque em temas criminais, bizarros, pornográficos ou extraordinários, enfatizando, preferencialmente, o corpo em suas dimensões escatológicas e sexuais;
2. A marca da oralidade na construção do texto, submetendo uma relação rotineira com o leitor;
3. A presença de uma série de marcas sensoriais espalhadas pelo texto, como a utilização de verbos e expressões corporais, assim como o uso de prosopopéia como figura de linguagem fundamental para dar vida aos objetos em cena;
4. Manchetes “garrafais” como estratégia editorial para evidenciar o apelo sensacional, seguidos por subtítulos impactantes, ilustrações com detalhes da tragédia ou crime e *cartoons* com a reconstituição do fato.

A imprensa sensacionalista, em toda sua manifestação no mundo midiático, pode ser considerada uma peça importante para percebermos a existência de longos processos de mediações culturais e analisarmos como a tecnologia está ligada à sociedade e aos processos culturais. Uma vez que faz parte desse processo

social é muito interessante analisá-la, este estudo possibilita acompanhar as suas transformações atreladas à tecnologia, até a contemporaneidade. Entretanto, essa imprensa expressiva não é objeto de análise frequente, o que nos deixa com pouco material a ser estudado, um dos motivos é a total exclusão por se tratar de uma prática de mau gosto, vista deste modo pelo processo de formação do gosto de classe.

Em pesquisa recente sobre a imprensa sensacionalista, tendo como foco principal o seu surgimento na era da modernidade no final do século XIX, em que a industrialização, urbanização e crescimento populacional rápidos deixaram a sociedade de um mundo pós-feudal em estado de choque (Ben Singer), percebemos a importância dessa prática retratando o cenário da época e, assim, prolongando este estudo. Este capítulo tem por finalidade traçar o perfil do sensacionalismo com suas características principais, nos seus vários estilos, e acompanhá-lo em sua trajetória histórica, tendo como fio condutor a tecnologia e a construção da sociedade vinda dos campos para a cidade.

Para autores como Wilson Dizzard Jr. (2000), os *mass media*² são os principais responsáveis pelas transformações sociais desde o mundo moderno até a contemporaneidade. O jornalista é seu cúmplice e sabe quais são as armas capazes de construir ou destruir ideologias. Ciente desse conceito, a imprensa em geral atua cada vez mais com a ideia de que “o que é bom é aquilo que o público gosta”, sendo um senso comum percebido na prática jornalística. A partir do momento em que os produtos da mídia são consumidos, se tornam mercadorias. Quando analisamos a prática sensacionalista, podemos perceber que é na guerra em busca da audiência, leitores e ouvintes, que as regras da ética e moral são esquecidas.

“Portanto, vemos a cultura da mídia como um terreno de disputa que reproduz em nível cultural os conflitos fundamentais da sociedade, e não como um instrumento de dominação” (KELLNER, 1995, p. 134). Analisando por este lado, podemos afirmar que a imprensa sensacionalista realiza um processo de singularização extrema dos fatos, reforçando as categorias da lógica do senso comum, que percebe a vida social como um agregado de eventos independentes em que utiliza a norma e o desvio como padrões éticos de referência e assume a oposição, ordem versus perturbação como foco de sua análise.

² Mídia de Massa

A informação como surgimento de uma nova mercadoria, criada pela invenção do jornalismo no século XIX e sua independência enquanto atividade social, ocorreu com o aparecimento de uma narrativa de discurso: a notícia. É neste período que ocorre o desenvolvimento do primeiro meio de comunicação de massa: a imprensa. Juntamente com o desenvolvimento da industrialização e a crescente expansão urbana, os jornais são transformados em produtos comerciais. De acordo com Dizzard (2000), paralelamente, a lapidação das instituições democráticas promove um discurso sobre a preocupação e responsabilidade social da imprensa e a promoção de uma série nova ética profissional, onde o antigo modelo de jornal, como objeto de luta política e ideológica, modifica-se e transforma a notícia em mercadoria. Segundo Muniz Sodré:

Com o objetivo de nos mantermos em uma base de positiva singularidade humana, é preciso, também, termos a noção dos valores irredutíveis a preços, ou também conhecermos a suspeita crítica de que haja algo mais na transição dos valores aos preços, por uma razão histórica, desde que Kant mudou a ética vinda da esfera do sagrado para a da razão prática (SODRÉ, 1942).

O novo modelo da prática jornalística profissional de comunicar os fatos agora tem suas agências, como a *Associated Press* e a *Reuters*, fundadas em 1844 e 1851, respectivamente, e que perceberam a necessidade de enviar vários correspondentes para cobrir a Guerra Civil. Tal imprensa passa a oferecer aos leitores uma notícia mais diversificada e atraente, assume a narrativa marcada pelo sensacionalismo. Jornais sensacionalistas possuem características marcadas por todo esse progresso social, absorvem as necessidades sociais dos indivíduos assim como das instituições e da política.

No auge de sua criação, a imprensa sensacionalista na primeira década de 1900, no início do século, nos fornece um vasto registro da cultura nos ataques sensoriais da modernidade. Sugerindo o “desamparo ideológico” (SINGER, 2001), como um conceito cognitivo, a modernidade nos leva para o aparecimento da racionalidade. Juntamente com tais mudanças ainda temos as mudanças tecnológicas e sociais, em um rumo desenfreado, esses dois últimos fatores chegaram a um agravante perto do fim do século XIX, juntamente com a industrialização, urbanização e o crescimento descontrolado da sociedade. Georg Simmel, Siegfried Kracauer e Walter Benjamin enxergam a modernidade como um

marco da experiência subjetiva, caracterizada pelos choques físicos e perceptivos do ambiente urbano moderno.

Ben Singer (2001) relata que as cidades acolhiam todos aqueles que vinham dos feudos e campos e os abrigavam em meio ao crescimento desordenado da metrópole, na complexidade do trânsito das ruas, em um universo caótico. É a imprensa ilustrada que nos oferece um registro mais rico sobre a fixação da cultura nos ataques sensoriais da modernidade. As mídias sensacionalistas da época representavam a nova realidade de modo agressivo e terrível. Os jornais sensacionalistas da época ainda tinham uma linha editorial que dava mais enfoque por imagens de mortes instantâneas de pedestres, como este exemplo em que o repórter X, publicou no jornal Y, conforme recolhido por Ben Singer:

Isaac Bartle, um cidadão proeminente de New Brunswick, foi morto instantaneamente na estação da rua do mercado da Ferrovia Pensilvânia nesta manhã. Seu corpo foi tão terrivelmente mutilado que os restos mortais tiveram que ser recolhidos com uma pá e levados embora em uma cesta (...) Ele foi reduzido a uma massa irreconhecível debaixo das rodas de uma locomotiva de carga pesada. A locomotiva golpeou Mr. Bartle por trás e o arrastou diversos metros ao longo do trilho, mutilando seu corpo de um modo horrível. Praticamente cada osso foi quebrado, a carne feita em pedaços e distribuída ao longo do trilho, e o corpo foi tão completamente dilacerados que as moedas e a faca no bolso das calças foram entortadas ou quebradas, e o talão de cheques, a carteira e os papéis foram despedaçados (*apud* SINGER, 2001, p.127).

A divulgação desse tipo de notícia nos dá a idéia de como a rotina da época foi mudada radicalmente e, além dos perigos nas ruas como o tráfego, outros três temas faziam parte das manchetes diárias e "garrafais" nas metrópoles. Um deles era a morte retratada de trabalhadores mutilados por máquinas nas fábricas, que citava a moderna tecnologia da época como uma monstruosa ameaça ao corpo e à vida, enfatizando os perigos desse novo estilo de vida moderna dos trabalhadores, os principais leitores da imprensa sensacionalista. A classe trabalhadora também era assombrada, e conseqüentemente posta em foque pelos jornais, por mortes relacionadas aos perigos de se viver nas moradias populares, juntamente com o perigo das pessoas, na comunidade, que enlouqueciam diante dessa mudança radical da vida sociocultural. Por último, mas não menos sensacionalista, vinham as notícias retratando as quedas de grandes alturas, onde,

quando não suicidas, ilustravam acidentes de trabalho e transpareciam o perigo do trabalho proletário ligado à tecnologia ao qual regia todas essas mudanças.

O cenário da modernidade urbana divulgado na imprensa nos ilustra e nos remete a uma calma, a uma nostalgia antimoderna de um lado e a uma fixação pelo horrível, grotesco e extremo de outro. Tais ilustrações e matérias eram uma crítica social e, ao mesmo tempo, uma forma de sensacionalismo comercializado, uma parte do fenômeno do hiperestímulo moderno que as imagens criticavam (SINGER, 2001).

José Ortega y Gasset descrevem bem como esse momento em que essas mudanças ocorreram, geraram tais choques e estimularam todos com a transição para a modernidade: “O ritmo da vida moderna, a velocidade com a qual as coisas se movem hoje, a força e energia com que tudo é feito angustiam o homem de compleição arcaica, e essa angústia é a medida do desequilíbrio entre suas pulsações do tempo” (GASSET, 1932, p. 31).

Obtendo uma visão histórica da imprensa, podemos compreender mais profundamente essas questões do sensacionalismo e da transformação temporal da imprensa perante o progresso social atrelado à tecnologia. A industrialização vincula-se com os processos de urbanização e de alfabetização e ainda atinge a produção dos jornais, abrindo espaço (com as novas tecnologias) para o aumento da tiragem e a baixa dos custos na produção. Assim sendo, a imprensa sensacionalista obteve sucesso quando usou de estratégias editoriais como característica para fascinar e seduzir o leitor. De um lado temos os jornais publicando boas notícias e todos os outros segredos de ricos e de poderosos, bem como o cotidiano do povo e suas extraordinárias notícias rotineiras, bizarrices e crimes (DARNTON, 1998).

Além das suas funções já conhecidas, como informar e entreter, a justificativa para esse sensacionalismo é a de envolver o leitor para que tenha interesse em ler a notícia, mantendo-o motivado por temas que o empolguem. Pode parecer irônico, mas essa imprensa também pode servir como educativa, despertando o público para assuntos da comunidade a partir de um produto informativo baseado na lógica das sensações.

Com base na historicidade, veremos agora quais foram as principais fontes dessa imprensa sensacionalista no século XX, já que a tratamos como parte de um processo social, se desenvolvendo e se transformando como um elo

diretamente conectado à sociedade. O que pode estar diretamente ligado a tudo aquilo que vimos anteriormente e o que vai diferir dos traços apontados, como em uma separação de suas características e, até mesmo, transformações.

2.2. Fontes Culturais da Imprensa Sensacionalista

A cultura se transformou durante o processo de industrialização e de urbanização durante toda a formação da sociedade, no então mundo moderno, perante a aparição de mudanças e sofrendo outras modelações. Podemos, então, dizer que a imprensa sensacionalista contemporânea está ligada diretamente a essas fontes culturais, sofrendo, também, transformações, criando novas roupagens e conferindo sentidos múltiplos.

As práticas sensacionalistas da imprensa contemporânea são herdeiras de algumas dessas fontes culturais da modernidade ocidental, mas não deixam se transformar, construir novas formas. Daremos mais atenção àquelas que são mais diretamente ligadas a este trabalho, todas relacionadas ao período que abrange o fim do século XVIII e o decorrer do século XIX: o melodrama, o folhetim, a pornografia, a literatura fantástica e de horror assim como o romance policial.

Esse recorte foi feito porque cronologicamente no mundo ocidental é o momento de consolidação das condições que possibilitam a consolidação da modernidade (SINGER, 2001). Juntamente com a eletricidade vieram as novas técnicas de produção, transporte e comunicação. A industrialização ajudou o progresso urbano com a metrópole totalmente estilizada e o aparecimento de novos cenários, situações sociais e psíquicas. A nova classe operária surge em meio à burguesia, após a revolução francesa, com a ideia de república, um momento essencial no processo da modernidade ocidental e é neste palco que a comunicação, na época as impressas, possuem um papel fundamental.

O melodrama, também na França do século XVIII, foi objeto de consumo por todas as classes sociais e é nele que também encontramos alguns outros pontos que nos ligam ao sensacionalismo da imprensa. Entre essas características podemos destacar a marca do excesso, tanto na narrativa quanto na caracterização das personagens e situações; a estrutura maniqueísta marcada por sensações de

medo, e uma pedagogia das próprias sensações, indicando momentos e lugares corretos para a vivência dessas emoções. O melodrama deu origem para outro gênero durante o século XIX, o folhetim, que era publicado no rodapé dos jornais.

Para autores como Darnton (1998), o folhetim resgata e, de certa forma, herda do melodrama as mesmas características e, ainda, agrega outras. O que vale ressaltar é o quanto essas duas manifestações estão associadas a uma estratégia de crítica ligada diretamente à burguesia desencantada e racional, é um gênero, assim dizendo, de apreciação de diversas camadas sociais e mais tarde será associado ao mau gosto das classes inferiores.

A pornografia é apontada por Darnton (*ibid.*) como outra peça importante no jogo da transformação política e social. Hunt (1999) descreve a pornografia como se fosse uma reapropriação de algumas estratégias do realismo grotesco (BAKHTIN, 1987), onde o corpo político é rebaixado e exposto à crítica e ao ridículo. Esta pornografia exerceu uma forte “pressão”, criticando a ordem monárquica, à aristocracia e ao clero. Essa ideia de usar o sexo como um objeto de provocação e desordem foi revolucionária e, também, foi perseguida por se tratar de uma manifestação literária de protesto de grande repercussão. Esses panfletos que circularam no século XVIII nada mais eram que uma forma de identificação por parte dos membros da aristocracia que não se identificavam com o modo de vida burguês. Aderiram à sátira e à literatura pornográfica para atingir diretamente e delatar publicamente a vida desregrada e perversa da nobreza e da igreja católica. Tanto o realismo grotesco quanto a pornografia (França medieval e moderna) são processados na circularidade cultural, envolvendo ideologias (DARNTON, 1998). Ainda sim que, mais tarde, tal prática perde seu papel de protestante, não só na luta de uma classe contra outra, mas também nos signos ideológicos, sendo apenas mais um gênero para a venda e consumo hedonista.

A imprensa sensacionalista também obteve algumas de suas referências e características herdadas pelas novelas de terror e horror do século XIX, as mesmas marcas presentes de excesso, a personificação e as descrições sensoriais, a estrutura maniqueísta e o apelo ao escatológico, ao sexual e ao grotesco, também presentes nessa fonte cultural. O público narra seus “casos sociais terríveis”, disserta sobre a fome, a injustiça e a miséria. No caso de sensacionalismo, podemos ver que as leituras produzidas pelos meios de comunicação consumida pelo público

são os pontos chave para analisarmos a construção do sensacional (ANGRIMANI, 1995).

Vimos anteriormente que o século XIX, na modernidade ocidental (principalmente na França e Inglaterra), foi um período marcado por grandes e fortes mudanças socioculturais com as transformações geradas pela industrialização, as novas tecnologias e o aglomerado da massa populacional que migrou dos feudos para as metrópoles. O medo é marco também nesta época onde as florestas, bosques e castelos “perdiam” seu terror que, agora foi instaurado nos bairros populosos, ruas mal iluminadas, as novas técnicas (como o trem, bonde, automóvel, velozes e assustadores). O medo está na vida urbana, nas grandes cidades, no estilo de vida metropolitano (SINGER, 2001). A publicação à seguir descreve, nas palavras de Charles Baudelaire (1857), a realidade vivida na metrópole do caos, com a beleza de uma mulher e os perigos da modernidade.

*A rua em torno era um frenético alarido.
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
Uma mulher passou, com sua mão suntuosa
Erguendo e sacudindo a barra do vestido.
Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina.
Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia
No olhar, céu lívido onde aflora a ventania,
A doçura que envolve e o prazer que assassina*

Este conceito pode, de certa forma, ser aplicado em todas as manifestações vistas acima e, ainda, à literatura fantástica e ao romance policial. O fantástico, juntamente com o romance policial surge durante o século XVII e XIX com o sentido de rompimento da racionalidade, questionando o discurso realista, e ainda demonstra a argumentação do leitor por uma explicação do que seria natural e sobrenatural, a incerteza da problematização. Desempenha o papel de leque para aquilo que poderia ser uma explicação para o mundo, flertando com as tecnologias modernas. Essas formas literárias são fontes culturais primordiais para o sensacionalismo na imprensa contemporânea.

Apresentamos, resumidamente, as principais fontes que consideramos importante para a criação da imprensa sensacionalista e o seu legado na contemporaneidade. O surgimento da moderna mídia de massa, voltada para a venda de notícias toma forma de atributos culturais e segmentos sociais. As

constantes transformações tecnológicas no mundo e as críticas demonstradas pela imprensa de diversas formas nos remetem à memória de tudo aquilo que foi história e que levamos, já sendo característica dotada anteriormente, para a atualidade, obviamente refletidas, modeladas e remodeladas para o tempo atual, com suas devidas adaptações do tempo corrente.

A popularidade das notícias sensacionais e tudo aquilo que remete ao grotesco está cada vez maior e esse é mais um motivo para estudarmos nossa cultura socialmente transformada por manifestações como o sensacionalismo. Contudo a origem da prática sensacional só ocorreu pelo surgimento de uma tecnologia que muda o cotidiano das pessoas e possibilita que o choque da metrópole com a sociedade pós-feudal da época, que vivia diariamente em um suposto mundo desordenado (SINGER, 2001).

A tecnologia não muda somente a forma de transmitir a notícia naquela época, mas também o progresso social, transformando-se de tempo em tempo. O jornalismo sempre foi ligado ao desenvolvimento da tecnologia e as transformações tecnológicas ocorridas no progresso jornalístico, à maneira como se produz nas redações, televisões e rádios, sofreu adequações, mudanças. No capítulo seguinte apresentaremos como essas mudanças estão diretamente ligadas às inovações tecnológicas e, como todo o processo, desde a coleta de informação até a sua veiculação modificou-se.

3. A SINERGIA INTERMEIOS

3.1. Quebrando as Fronteiras

A contemporaneidade é marcada pela crescente e acelerada evolução de novas plataformas, produzindo a sinergia entre os formatos já existentes, como vimos no capítulo anterior. As novas mídias criam uma teia complexa, produto da hibridação entre as mídias analógicas e as digitais. Esse emaranhado de informação cruzado em diversas plataformas é a convergência. Este capítulo tem como objetivo refletir sobre estas apropriações entre os meios e apontar as conexões que ligam uns aos outros. Estas zonas de informações que circulam por vias conectadas entre si favorecem a linguagem compartilhada, e a mistura entre diferentes meios, e intensificam a interação entre a televisão, o rádio, a mídia impressa (revista, jornal), e a internet, que tem papel fundamental neste processo catalisador (MANOVICH, 2001).

Nos textos de Asa Briggs a palavra convergência, a partir da década de 1980, era usada e relacionada com o desenvolvimento tecnológico digital, a junção de textos, números, imagens e sons, além de outros elementos na mídia. Já na década de 1970, com o pensamento de que a nação fosse totalmente ligada por cabos, foi empregada na junção entre os computadores e a telecomunicação. A convergência então passou a ser usada nas organizações e processos, principalmente entre as indústrias midiáticas e de telecomunicações. Durante a década de 1960, o desenvolvimento tecnológico criado para alimentar os serviços que estariam à disposição de todos em suas casas, escritórios e fábricas, foi rodeado de incertezas. Essa expressão “digitalizar” só veio surgir na década de 1990.

O surgimento do computador mudou o cenário na produção de informação. Todas as mídias, desde o impresso até as mais atuais, são formas híbridas de linguagem, ou seja, surgem na conexão imediata de diversas linguagens. Douglas Kellner (2001) diz que todas as mídias são intermídias e multimídias.

Não é difícil entender como a convergência dos modos de codificação leva à padronização dos tipos de suporte e favorece a homogeneização dos modos de distribuição dos produtos midiáticos.

Deixando clara a ação de interagir, a sinergia entre os meios apropria-se de características particulares de cada mídia, possibilita a convergência, ou seja, a mudança, remediação ou construção de uma teia intermeios. A quebra de fronteiras garante o acesso à informação. Não ocorre somente nesse espaço de fluxo nas mídias a escolha de informação, mas outra mudança é que essa escolha deixa de ser temporal. O processo da convergência forma uma teia de conteúdo e as ferramentas digitais permitem, nessa rede de informação, o alcance do produto intermeios.

A sinergia entre os meios não provoca uma transferência de energia igual entre si, como podemos verificar na história de cada um, mas constatamos uma linha de raciocínio comum claramente vista na contemporaneidade: a interatividade e a idéia de romper limites. Propondo a análise dessa experiência intermeios, nos deparamos com dúvidas em relação ao futuro, um exemplo claro disso é o surgimento da HDTV (*High Definition Television*). As opções de interatividade dessa nova mídia, parecidas com as que temos no ciberespaço, associam-se às ferramentas da tecnologia providas da televisão e da internet.

Analisando as plataformas, e refletindo sobre os usuários como telespectadores, ouvintes e leitores, é possível identificar a troca, apropriação de ferramentas entre as mídias e o ciberespaço. É com essa reciprocidade que a sinergia entre os meios se conecta, quando a criação de uma nova mídia é instaurada, esta, por sua vez, toma elementos favorecendo o novo meio, mantendo o fornecedor e ao mesmo tempo agregando outros recursos. A partir daí o chamado usuário consegue interagir. O armazenamento de dados, o *feedback* ao repórter, escolhas não lineares, publicações sem filtros, características do acesso interativo, digital e/ou on-line agora são possíveis.

Podemos dizer, então, que o fluxo de informação é de livre escolha, tanto no aspecto seletivo; já proporcionado pelos meios analógicos, atemporal no meio digital e/ou on-line, e infinito; eternizando-se no ciberespaço. Portanto, a circulação e acesso das informações possuem várias características em uma mídia convencional (televisão, rádio e impresso) e outras na mídia digital. As transformações contínuas que ocorrem em todos os campos da comunicação atual são aceleradas com a

inserção de novos objetos no universo midiático e com a sinergia entre as plataformas já existentes, colocando-se em um campo de adaptação.

Tal reflexão já foi estudada por Harvey (2008), como uma das condições da pós-modernidade, onde ele reflete sobre a capacidade de optar e obter a informação disponibilizada em banco de dados, em qualquer tempo e lugar. O rompimento dessa linearidade obrigatória dos meios convencionais garante a liberdade de escolha de conteúdos ao receptor que, neste momento, torna-se proprietário da informação. O receptor, dessa forma, é um interagente no fluxo informativo, agindo como um verdadeiro editor de seu próprio tempo e espaço.

Sendo assim, constatamos que o fluxo das informações tem categorizações diversas ao ser disponibilizado em meio convencional (pelas mídias convencionais: rádio, TV e impresso) ou em um meio digital e/ou on-line. O que se nota é que o suporte, com suas respectivas características, é o determinante do tempo-espaço, do grau de interatividade, da convergência ou não de linguagens e da modificação de padrões de formatos jornalísticos.

3.2. A Comunicação e o Computador

As tecnologias da mídia de massa passaram por duas grandes mudanças; passamos agora pela terceira delas. Primeiramente no século XIX com a criação das impressoras à vapor e do papel de jornal, surgindo as primeiras mídias de massa de fato: a primeira sendo a transmissão por ondas eletromagnéticas na década de 1920 e a segunda com o aparecimento do rádio e da televisão, respectivamente, no ano de 1939. A que presenciamos agora, em uma terceira transformação, vem estruturada pelos computadores e pela multimídia.

Inicialmente o computador era tido como ferramenta de trabalho na indústria midiática, era usado para melhorar operações internas como folha de pagamento, faturamento e controle de estoque. Nos anos 80 começaram a ser usados na produção de mídia e os jornais impressos instalaram terminais de processadores de texto nas redações, deixando de lado as velhas máquinas de escrever. Com a nova ferramenta, as matérias podiam ser escritas e editadas muito mais rapidamente, enviadas eletronicamente para a oficina de produção.

O mesmo computador, agora portátil, conhecido como *laptop*, tem sido cada vez mais usado, seja ainda nas redações de impressos, na produção de telejornais, e nos escritórios das rádios. Os repórteres levam-no consigo aos locais onde serão produzidas suas matérias. É possível digitar, anexar arquivos de áudio e vídeo e, ainda, encaminhar o conteúdo aos editores, através de uma conexão de internet sem fio.

Visto por diversos ângulos, o novo padrão de mídia é qualitativamente melhor que os anteriores. O computador é a ferramenta que une todos os formatos de informação: áudio, vídeo e impresso. Obriga uma transformação e adequação dos serviços de mídia antigos. A conectividade intermeios cria um novo e comum meio de informações que concorrem entre si. As trocas de características entre as mídias, como vimos anteriormente, são menos perceptíveis. Os computadores modificam os produtos tradicionais e acrescentam novos.

A indústria da comunicação vem mudando constantemente. A televisão a cabo, o DVD e a internet são exemplos claros dos avanços tecnológicos mais comuns que causaram maior impacto nos padrões da mídia. As mídias tradicionais ainda estão presentes no cenário da comunicação de massa contemporânea, mas isso está mudando, sendo que o fator principal dessa mudança é a tecnologia da informática, que briga com a indústria da informação e entretenimento. Tecnologia essa dos televisores de alta definição, computadores multimídia e a rede da internet cabendo na palma de nossas mãos. Escreve Wilson Dizzard sobre a mídia de massa:

Será que essas novas tecnologias se adequam à antiga definição de meios de comunicação de massa? Certamente não, se levarmos em consideração o sentido que o dicionário dá ao termo. Mídia de massa, historicamente, significa produtos de informação e entretenimento centralmente produzidos e padronizados, distribuídos a grandes públicos através de canais distintos (DIZZARD, 2000, p. 23).

Os novos produtos eletrônicos não respeitam tais condições, eles são fabricados a partir de várias fontes, é a convergência em benefício da própria convergência. Conseguem transmitir a mesma informação nas mais variadas plataformas, seja ela de áudio, de vídeo, de texto ou mesmo de todas elas juntas. As características que marcam os novos meios são evidentes, mas o mundo

contemporâneo está absorvendo cada dia mais as diferenças entre a mídia antiga e a nova. Os estudiosos em tecnologia, como Álvaro Vieira Pinto (2005), apontam a tecnologia como a causa inicial de mudanças sociais. Por exemplo, ao mesmo tempo em que uma notícia, como meio de informação, é repassada em um impresso, ela já está também disponível on-line, podendo, ainda, ser acessada de um celular ou mesmo ser publicada no canal de televisão exclusivo do próprio jornal impresso disponível na internet, com o apoio de áudio e vídeo, além do texto.

A internet divulga muita informação, deixando os meios de comunicação de massa com uma pequena parte da indústria e que se torna mais dependente do ciberespaço para divulgar seus produtos. A indústria da mídia usa o espaço da rede digital para distribuição ampla, resultando em uma audiência muito maior e uma imensa variedade de dados, além de tornar mais simples o acesso à informação, filtros, *links* e sites bem diagramados facilitam esse processo.

A web³ atualmente está presente em todos os projetos da indústria da mídia de massa, convergindo com o mundo digital/on-line. Todas as grandes e menores mídias estão fazendo o uso e se adaptando para a realidade digital na internet. As produções dos telejornais disponibilizam a maior parte de suas matérias on-line, com suporte textual. As rádios estão se transformando em transmissões digitais on-line. Os jornais impressos divulgam suas notícias minuto a minuto, sem ter que esperar a impressão da próxima edição, o leitor já fica informado. E assim acontece com revistas e livros. Segundo Wilson Dizzard:

Avançadas redes de telecomunicações podem transmitir quantidades maciças de produtos de voz, vídeo e impressos, através de circuitos digitais de alta velocidade. A eletrônica está forçando a integração técnica das mídias antiga e nova, com impactos importantes sobre a futura forma e direção da indústria (Ibid., p. 35).

Esta convergência das mídias não é apenas uma extensão linear da antiga. A junção das mídias tradicionais e digitais oferece ferramentas e ações que nenhuma delas, isoladamente, pode proporcionar ao público. Como dito anteriormente, a Internet é o principal fator para que isso fosse possível. A nova mídia começa a proporcionar conexões interativas entre o usuário e a informação.

³ *World Wide Web*, que em português significa “Rede de Alcance Mundial”.

Surge, então, uma nova característica no padrão atual de mídia de massa. A escolha por diversos recursos de informação, o tempo, o produto e sob qual forma; é isso que torna possível essa interatividade.

Há pouco tempo atrás as informações disponíveis na rede eram limitadas devido ao suporte que a própria web fornecia ao armazenamento. Isso mudou e agora está transformando a internet e fazendo com que os próprios meios de comunicação modifiquem o formato da informação para disponibilizá-lo on-line, produzindo a mesma informação de diferentes maneiras, abrindo o leque de receptores e alcançando um maior público.

As transformações tecnológicas ajudaram as mídias tradicionais à conquistar um cenário virtual nunca pensado antes. Mesmo assim, jornais continuam a ser distribuídos de casa em casa, revistas ainda são expostas em bancas, filmes são alugados em locadoras, entre outros hábitos ainda frequentes. Esses métodos de distribuição são muito caros, a necessidade de competição mais eficaz entre os meios tornou a internet o palco ideal para a disputa de público. Há alguns anos atrás, quando uma entrevista era agendada, precisava-se de uma equipe enorme de técnicos, repórteres e equipamentos de iluminação, hoje basta somente uma pessoa, munida de uma câmera pouco maior que a nossa mão. As ferramentas digitais possibilitam a edição em diversos formatos, capazes de tornarem qualquer conteúdo público em mídias convencionais ou mesmo no ciberespaço.

3.3. Divulgando a Informação na Contemporaneidade

As notícias se tornaram cada vez mais eficazes no aspecto jornalístico. O imediatismo veio para derrubar a barreira do tempo e o ciberespaço surge para acabar com a distância. William Bonner (2009), diz que essas características do jornalismo atual revelam que os meios se apropriaram das ferramentas digitais para a adaptação e inovação, proporcionando assim um impacto transformador no meio pelo qual recebemos a notícia. Analisando um fato que ocorreu do outro lado do mundo, por esse ponto de vista, podemos evidenciar as dificuldades enfrentadas pelas mídias convencionais, caso essas não possuam tecnologias digital/on-line para relatar o acontecimento. O apoio digital favorece aquele que tem o maior

número de informações atualizadas minuto a minuto. Para o público, a notícia do jornal da amanhã já pode ser lida em poucos caracteres no *blog* do repórter, hoje mesmo. O tempo e o espaço se desconstroem, onde antes havia o empecilho da logística temporal, hoje a solução é natural, recorreremos à tecnologia. Para David Harvey:

O tempo necessário para cruzar o espaço e a forma como costumamos representar esse fato para nós mesmos são indicadores úteis do tipo de fenômeno que tenho em mente. À medida que o espaço parece encolher numa 'aldeia global' de telecomunicações e numa 'espaçonave terra' de interdependências ecológicas e econômicas – para usar apenas duas imagens conhecidas e corriqueiras -, e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente (o mundo do esquizofrênico), temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de compressão dos nossos mundos espacial e temporal (HARVEY, 2003, p. 219).

O espaço dos impressos também é limitado em relação ao fluxo informativo. Tal fluxo informativo fica limitado às escolhas editoriais, sendo sempre uma contextualização generalista, em sua grande maioria. Dessa forma, o jornal impresso não presta o serviço personalizado do padrão digital/on-line, não oferecendo abertura aos anseios e demandas de seu público receptor, mantendo a forma fechada do sistema de comunicação, onde o emissor e receptor não se cruzam e nem interagem.

A produção de um jornal impresso é muito limitada, a edição do dia seguinte restringe o tempo para a publicação. Produtores, "pauteiros", repórteres e fotógrafos têm, praticamente, menos de 12 horas para finalizar e diagramar o exemplar do outro dia. Além do problema de produção, o formato também deixa o público desatualizado. O fato de que não se pode atualizar um jornal depois de impresso, faz com que a informação fique obsoleta diante do imediatismo on-line. Os leitores de hoje são ainda mais exigentes, eles querem ler textos que se relacionam com aquele acontecimento e também saber o que já foi escrito sobre determinado fato, essas ações não podem ocorrer no modelo padrão de jornal impresso.

Outro processo que é muito lento na redação de qualquer jornal é a edição. O fato é que com a produção já limitada à edição do material fica ainda mais complicada. Concordamos que todo jornal já está praticamente apoiado por computadores, entre outros equipamentos, que facilitam o processo, mas o exemplar

ainda tem que ser diagramado. Softwares montam as páginas para a impressão que só ocorre durante a madrugada. Sem contar na distribuição, a logística para que o leitor tenha acesso à informação. O fato de que o público tem de ir até um local específico para achar o produto, ou mesmo esperar para que ele seja entregue na porta da sua casa, todos esses meios já não são mais tão compatíveis com o estilo de vida contemporâneo.

Dessa forma, com um tempo de produção limitado, com um processo lento de edição e finalização (impressão do jornal), um espaço restrito (no que se refere ao formato) e uma circulação restrita, o impresso serve mais à memória histórica, característica essa também presente nos demais veículos noticiosos, através de gravações ou armazenamento de dados.

A internet vira a ferramenta fundadora para resolver todos os problemas de adaptação, de atualização, convergindo com a mídia impressa ela transforma o emissor, modifica a relação da mídia jornal com o seu leitor, deixando de ser tradicional ela passar a ser uma mídia digital. Com dispositivos disponíveis nos exemplares on-line e o jornal impresso consegue dispor de todas as informações necessárias para atender o público usuário. Ferramentas disponibilizam matérias antigas arquivadas em bancos de dados, *links* entre uma matéria atual e os outros textos já produzidos sobre o mesmo assunto e atualização minuto a minuto de informação. Sem contar que agora também dispõem de matérias com áudio e vídeo, alguns deles chegando a ter um padrão jornalístico de telejornal, matérias postadas em um cenário com bancada e “em âncora”, discutindo com um entrevistado sobre determinado assunto.

A convergência não para por aí, o celular também entra nessa teia e pode receber, através de conteúdo importado por mensagens de texto (SMS), notícias específicas, para isso basta o usuário se cadastrar no próprio site do jornal e selecionar sobre quais assuntos ele deseja receber informações. É a convergência da convergência. A ideia para absurda, mas isso já é realidade, uma prática muito comum para aqueles que necessitam de informação. A marcante forma de como o impresso informava não é mais a mesma, mas ele ainda é estampado, mesmo que na tela do computador.

Processo similar ao que ocorre com as revistas. Essa mídia tradicional que todos conhecemos também faz uso das inovações e se apóia na internet jogando seu conteúdo on-line e tal como no jornal impresso, as revistas possuem sites

próprios, ocorrendo, também, a convergência nesse caso. A mistura de informação nos mais diversos formatos, seja em vídeos, áudio e textos, conquista o leitor. A diferença neste caso é a temporalidade. As revistas que eram semanais, agora possuem edições diárias, mas dessa vez digitais/on-line.

Diferença também vista por quem acessa a internet e se torna mais “íntimo” dos repórteres. Estes, por sua vez, tem o seu próprio espaço na rede. O usuário pode acessar os *blogs* dos jornalistas que escrevem as matérias e fazer perguntas diretas a eles. Críticas, sugestões sobre o que foi publicado e até mesmo saber mais um pouco da vida de cada profissional, como, por exemplo, onde estão. E isso ocorre em, praticamente, todos os sites das mídias convencionais, não somente com os veículos impressos. Os sites de relacionamento também ganham um espaço e as mídias tradicionais que ocupam o ciberespaço fazem parte deles. Tais revistas e jornais podem ser encontrados em *orkut*, *facebook*, *twitter*, entre outros, que fazem parte da identidade no universo on-line. O que antes era pessoal, agora também é usado pela indústria midiática.

Todas as redes de televisão aberta deram passos firmes para aumentar a integração da internet com suas operações e parecem estar muito à vontade no mundo da convergência. Antigamente era preciso interromper a programação para divulgar uma notícia de última hora, não que isso deixe de acontecer, mas outros fatos chegam aos olhos dos telespectadores através da *web*. Vídeos com as primeiras imagens de um acidente, por exemplo, são vistos primeiramente na internet, no site do canal de televisão, que também conta com a produção amadora dos usuários (que são os próprios telespectadores), possibilitando uma cobertura do mesmo fato por diversos ângulos.

Os internautas também atualizam a informação agregando comentários ao vídeo que foi postado. *Links* com novas informações e imagens surgem a cada minuto. Na mesma plataforma da internet a televisão ainda consegue que o usuário tenha acesso às matérias antigas, entrevistas que, vistas no instante de sua leitura, podem esclarecer o fato atual. Isso não ocorre somente do âmbito jornalístico, mas em todos os programas de televisão, inclusive os de entretenimento. A criação de portais unindo os programas segmenta o conteúdo na internet, onde cada atração televisiva tem o seu *website*.

Já o rádio, meio de comunicação que, com sua capacidade de apropriar facilmente elementos dos suportes já existentes, deu a primeira indicação de que

esse processo ampliava sua abrangência na produção do crescimento do número de veículos do universo midiático. A existência de várias fontes onde se alimentar permitiu ao rádio formar um acervo de conteúdo eclético, retirou da televisão a forma como divulgaria seus programas que, agora, são gravados ou mesmo transmitidos com áudio e imagem via *web*. Dos impressos o rádio se apropriou dos textos para em seus *sites* dar informação sobre programação, transcrever entrevistas e manter seus ouvintes bem informados com boletins publicados no segmento de notícias.

Esse amplo campo de experiências, criado pela convergência das mídias e pela sinergia existente entre contextos analógicos e digitais, produz a forma em que são gerados procedimentos criativos que atuam como verdadeiros processos de heterogênesse. Esses processos se referem à metamorfose e à recombinação de um elemento em outro de tal modo que todos os elementos passam a fazer parte de pelo menos um elemento do primeiro.

A reconfiguração da noção de circuito midiático entre mídias analógicas e digitais corresponde, dessa forma, a um novo tipo de conduta, a uma nova configuração estética ou o que denominamos como convergência das mídias. Tal questão passa a ser determinante na constituição de uma forma particular de articulação sensória e de novas realidades expressivas. Na contemporaneidade é possível observar através da digitalização da informação que, nessas experiências híbridas entre códigos e origens diversas, a utilização dos meios tecnológicos não se encontra mais subordinada aos dispositivos das máquinas, mas se constitui, antes de qualquer coisa, em uma forma particular de conceitos e abstrações ou o que poderíamos chamar de uma forma de cultura híbrida, reveladora de um pensamento estético para além de seus dispositivos e códigos.

Entretanto, a mídia tradicional é o elo nessa mudança para um novo cenário de comunicação de massa, sendo obrigada a mudar os modos de produção e distribuição de seus produtos, e mudar também o conteúdo e suas funções. A problemática nessa convergência atinge todos os meios. O que um jornal impresso, com sua edição diária, fará agora em um campo repleto de informação? De que forma as revistas e livros continuarão a existir já que um banco de dados muito mais eficiente pode armazenar muito mais conteúdo em um computador de mão? Como a televisão vai atender ao público que agora busca informações segmentadas?

A definição de mídia de massa tem que ser modificada para se encaixar nesse modelo em transformação na transmissão de informação. A comunicação de

massa está em constante mutação, alterando as formas de processo e seus produtos. Novas tecnologias da comunicação podem ampliar e diversificar o controle da informação, dando assim um poder maior ao usuário, com informações que nunca pensamos em ter, disponíveis para qualquer um, em um grande número. A convergência produz um cenário nunca experimentado antes e as junções intermeios vão continuar a gerar outras formas de comunicação e divulgação de informação.

Desde as fontes de informação, redações, até processos de produção e conteúdo estão se modificando. O capítulo a seguir tem como objetivo estudar como as sociedades contemporâneas estão em constante metamorfose na experiência temporal e mostrar como o jornalismo se molda no cenário dessas constantes mudanças para atender o público e se adequar na atualidade.

3.4. A Engrenagem de um Telejornal

O produtor de um telejornal exerce diversas tarefas, auxiliando a reportagem e a edição na checagem de informações complementares. Todo este trabalho é feito através de e-mails, de telefonemas e de muita paciência. Tomando como base a experiência como jornalista produtor e através de estudos realizados por Willian Bonner (2009), neste capítulo entenderemos um pouco mais sobre o funcionamento de um telejornal e a tecnologia, beneficiando suas fases de produção.

Na maioria das vezes é o produtor que recebe a notícia “quente”, ou seja, o fato que acabou de acontecer, ou ainda acontece, e tal informação é chegada primeiramente a ele. Esse primeiro contato com a notícia pode ter ocorrido por diversos motivos, seja porque uma “fonte” contou algo, porque o jornalista teve a curiosidade de ligar ou mesmo na ronda diária.

Todos os dias é realizada a reunião de pauta, que o próprio nome já explica o porquê dela, são definidas as pautas para os repórteres e o que vai ser abordado no telejornal do dia seguinte. O produtor colabora na sugestão de pautas para a próxima edição, podendo vir de diversas maneiras. Mais uma vez ele pode ter consultado uma “fonte” que lhe deu essa ideia, por vivência ou por ter presenciado algum fato que lembrou alguma discussão sobre o assunto. Podemos perceber que

cabe ao produtor uma responsabilidade na engrenagem da produção. Vamos agora pontuar algumas das tarefas de um produtor para que possamos entender melhor como a tecnologia influencia no meio da produção de um telejornal, usando o próprio produtor como estudo. Nas redações de um telejornal o produtor assume diversas obrigações que podem mudar de uma para outra, mas é no papel do produtor que está a obrigação no auxílio do cumprimento das tarefas. Faz parte das tarefas de um produtor de telejornal:

1. Fazer a ronda diária para delegacias e outros serviços como bombeiros e polícia militar rodoviária, em todas as cidades de cobertura que o telejornal abrange;
2. Repassar qualquer informação relevante que ele acredita ser notícia colhida desta ronda para o software utilizado nas redações, registrando a nota sobre tal acontecimento;
3. Monitorar informações veiculadas na internet em site de agências de notícia, jornais regionais e locais, e checagem de e-mails recebidos na conta do telejornal;
4. Digitalizar arquivos recebidos na redação em formato de vídeo ou áudio para serem utilizados como complemento de reportagem;
5. Efetuar download de arquivos de áudio e vídeo por internet para auxiliar no conteúdo de reportagem;
6. Encaminhar por software especializado os arquivos digitalizados e recebidos na redação para o setor de edição utilizá-los nas reportagens;
7. Espelhar toda e qualquer informação como reportagem ou nota, em software ligado à rede de jornalismo dentro da redação;
8. Encaminhar e-mails solicitando autorizações para cumprimento de pautas na produção de reportagens;
9. Ler e responder e-mails encaminhados para a redação, voltados para a produção do telejornal;
10. Atualizar o site do telejornal com as manchetes do dia;

11. Monitorar através de rádio as equipes que estão na rua e fazer o remanejamento durante o cumprimento das pautas se necessário;
12. Checar informações colhidas através de telefonemas e envio de e-mail para “fontes”;
13. Sugerir pautas nas reuniões diárias.

“Como se vê, o que não falta ao produtor é importância. É um profissional multitarefa, que sempre tem um relógio tiquetaqueando à frente e um editor aflito ao lado” (BONNER, 2009, p. 48). Através do próprio ofício, percebemos que muitas dessas tarefas só podem ser realizadas graças a adventos tecnológicos como o computador, softwares, meios de comunicação (como rádio e celular), entre outros aparatos usados na engrenagem da produção jornalística.

Outros processos como a captura de imagens também estão mudando por conta das inovações tecnológicas. A exibição de um telejornal na atualidade utiliza imagens e sons armazenados digitalmente em um servidor. A fita usada nas câmeras tende a desaparecer com o tempo para arquivos já digitais, como um HD de computador que armazena as imagens que o cinegrafista capturou em formato digital. Mais uma transformação que ocorre e modifica o meio de produção de telejornal.

A internet, conforme apontado no capítulo anterior, também é fonte de informação. O produtor utiliza sites de notícias como fonte de pesquisa, alguns atualizados minuto a minuto, outros não. Aquele produtor que chega cedo à redação faz busca nesses sites, e avalia os temas em destaque nos principais, e se dedica ao momento chave de seu trabalho, após, ou paralelo a esta atividade, é a hora da “ronda”. O termo ronda é conhecido pelos jornalistas como os telefonemas feitos por produtores de jornalismo às delegacias da região atendida pela emissora; bombeiros de todas as cidades de cobertura regional; polícias: civil, militar e rodoviária, também de todas as cidades ao qual faz parte a área de transmissão do telejornal ao qual trabalha. É através desta ronda que os produtores dão continuidade ao andamento e cumprimento das pautas do dia e dão maior destaque às informações que surgem repentinas nas redações. Se algum fato de relevância é obtido através da ronda, é preciso remanejar a equipe que está na rua para se deslocar e fazer a reportagem

específica daquele fato. Cabe ao produtor avaliar a ronda diária e repassar as informações que colheu e achou mais importante para o editor poder então dar o parecer se tal fato vale ou não ser pautado.

Outra tarefa que depende muito dos meios de comunicação como celular, rádio, internet *wireless* e o tão usado rádio. Para comunicar uma equipe que a mesma tem que abandonar o que está fazendo e partir para outra pauta, são usados todos os recursos que o produtor tem. Primeiramente é comunicado via rádio qual o motivo por ter que realizar tal mudança; ligar para o próximo entrevistado para comunicar que a entrevista não poderá ser realizada; via MMS⁴ é enviado um e-mail contendo as informações necessárias para que o repórter tenha o conteúdo mínimo para cumprir com a nova pauta, tais como endereço, enfoque da reportagem, possíveis entrevistados e horários para seguir. É de extrema importância que o produtor esteja por dentro de tudo que acontece com as equipes ao longo do dia.

Muito comum nas redações é o fato de utilizar o produtor como auxiliar no processo de edição de conteúdo para reportagens. Algumas vezes é necessário fazer o *download* de conteúdo da internet; digitalizar vídeos entregues para ele em mãos e em diversos formatos e enviar tais arquivos, via software especializado para o setor de edição. Todas essas obrigações e tarefas a serem cumpridas são extremamente importantes para que o telejornal possa ir ao ar diariamente e é também a tecnologia utilizada dentro das redações para auxiliar e conseguir realizar todos os processos de produção até a veiculação do telejornal.

⁴ *Multimedia Messaging Service*, que em português significa “Serviço de Mensagem Multimídia”.

4. A FRAGMENTAÇÃO DA NOTÍCIA NO WEBJORNALISMO

4.1. O Espaço em um Tempo Menor

Todo processo da construção social atual é produto de uma convergência. Estas ligações interferem diretamente no jornalismo. Tendo em vista que o fator tempo, agora, tem uma constante nova, devemos refletir sobre o tempo real, já que o jornalismo tem como preocupação atualizar constantemente a produção de informação de modo ininterrupto. Para compreendermos o tempo real, precisamos apontar alguns avanços na tecnologia, fenômenos sociais e culturais em uma reflexão mais ampla.

As invenções que trouxeram o caos na metrópole, o mundo na pós-modernidade, todas essas experiências que vimos nos capítulos anteriores, tentam alcançar, cada vez mais, uma velocidade maior, percorrer o espaço em um tempo menor. Outras inovações como o telégrafo e o telefone possibilitaram que, ao invés do corpo, a voz humana viajasse no espaço. O uso de ferramentas como o telégrafo e o telefone foram adotados pelo jornalismo e proporcionaram a aceleração produtiva jornalística. A partir daí o jornalismo viveu uma nova fase em que a informação transmitida poderia ser respondida praticamente no mesmo instante. Foi então que o termo instantaneidade surgiu, vencendo as barreiras do tempo e dos atrasos na transmissão.

Redes de telefonia criaram uma nova característica nas comunicações. A instantaneidade quebrou com a sequência linear, antes consumida na leitura. Sincronismo contínuo, imediatismo e interação foram as principais consequências desse fato. Esses fatores juntos fizeram com que o conceito do tempo, na constante social contemporânea, mudasse para o então tempo intemporal. A expressão tempo real não somente caracteriza os avanços da tecnologia, mas redefine as práticas sociais.

4.2. Webjornalismo

Para entendermos a prática do jornalismo atual precisamos primeiramente analisar o webjornalismo, já que é através dele que as principais características jornalísticas contemporâneas foram absorvidas e modificadas ao mesmo tempo. Autores como John Pavlik (1996), entendem que a internet modificou o jornalismo. Ele reflete sobre a natureza do conteúdo da notícia dizendo que o produto da informação é resultado da tecnologia digital; o jornalismo transformado pela digitalização de conteúdos; no que se diz respeito às mudanças nas redações e em um contato mais direto entre os meios de comunicação e o público em geral. Desse modo, a forma como se produz notícias não mudaria. O jornal impresso, por exemplo, a mesma edição fabricada e enviada para gráfica, seria também publicada no suporte on-line, com as mesmas informações que o exemplar publicaria nas bancas. Esta forma que utiliza a internet somente como mais um meio de publicação, passa por transformação e influencia todos os processos de produção de informação. Há uma necessidade também de alimentar, mas com conteúdo especificado, a plataforma do jornal on-line. Vê-se então que é preciso reajustar as redações que contam também com diagramadores e designs gráficos. Nas duas situações que Pavlik analisa a ferramenta internet no meio jornalístico, a constante alimentação de conteúdo, atualização de informação, quebra a periodicidade, diminuindo o tempo em que se divulga a notícia de uma forma contínua.

Outros autores também analisam o jornalismo on-line. Palacios (2003) afirma que ele apresenta seis características próprias: hipertextualidade, personalização de conteúdo, interatividade, multimídia, a memória e a instantaneidade como atualização contínua. Este pensamento muda de acordo com a digitalização que o jornalismo digital absorve com o suporte em rede para o webjornalismo. O autor Mark Deuze se aprofunda no assunto. Para ele o termo webjornalismo enfatiza o conceito de convergência intermeios no meio jornalístico. Tais autores acreditam que a convergência só é possível através da tecnologia. O conceito de jornalismo on-line já foi definido por Deuze (2001):

Jornalismo on-line pode ser diferenciado, funcionalmente, de outros tipos de jornalismo usando sua técnica de componentes como um fator determinante em termos de definição (operacional). O jornalismo on-line tem que tomar decisões em que formato de mídias melhor conta uma certa estória (multimedialidade), tem que permitir salas de opiniões que o público vai responder, interagir ou ainda customizar certas estórias (interatividade) e certamente considerar várias formas de conectar tal estória à outras estórias, arquivos, fontes e através de *hiperlinks* (hipertextualidade). Este é a forma típica ideal do jornalismo on-line, regida por um crescente número de profissionais e acadêmicos mundiais (DEUZE, 2001).

O acesso à informação é ampliado pelos recursos sociotecnológicos que o jornalismo on-line dispõe, aumentando as condições de pluralidade que são a base jornalística. Barnhurst e Nerone (2001) dizem que “mesmo um site conservador, como o editorial do *The New York Times*, se abre para múltiplas vozes de suas fontes”.

Novas formas de produção do jornalismo estão sendo lançadas às mãos dos profissionais da área graças à internet. A web está oferecendo o nascimento de uma nova maneira de fabricar informação: o jornalismo contextualizado. A convergência das mídias e dos formatos usados, está ampliando as modalidades da comunicação, que tem o usuário (telespectador, ouvinte e leitor, que agora abriga o campo on-line) constantemente conectado. É vista de forma positiva a chegada da internet absorvida e convergindo com as mídias no meio jornalístico.

É importante perceber que certas transformações do novo suporte tecnológico estão ligadas à produção jornalística, como os sites de busca e pesquisa e seus bancos de dados. O armazenamento maior de conteúdo em diversos formatos, o desenvolvimento de aplicativos e softwares de edição específicos para o jornalismo, só foi possível pela digitalização. A rede da internet criou um universo virtual em que várias sociedades se formam e interagem, não havendo mais a necessidade da presença física do repórter, por exemplo, na redação.

Editores e produtores fabricam em uma não linearidade, cortando, colando, ou manipulando vídeos e áudio tão facilmente quanto digitar em um processador de texto. Eles podem se sentar em frente ao computador e visualizar, manipular qualquer conteúdo, naquele ou em outra ilha de edição, sem se preocupar onde no mundo aqueles conteúdos estão fisicamente localizados (PAVLIK, 2001, p. 106).

É fácil então entender que as mudanças na estrutura da produção e mesmo na engrenagem física do jornalismo ocorreram. Outros tipos de transformações também foram importantes nesse cenário. Uma delas foi a atual possibilidade que o jornalista tem na conexão ampla com o mundo; as linhas editoriais remodeladas para atender a produção diferenciada de informação e a ligação dos receptores (usuários) mais direta com os emissores (jornalistas).

4.3 Jornalismo e o Imediatismo

No final do século passado ficou mais claro que ocorreu a superação da distância e um aumento veloz da informação. Não foi somente em relação à velocidade da produção e nem de mídias já digitalizadas, ocorreu uma evolução enorme no mundo tecnológico, principalmente na transmissão de notícia. As ondas eletromagnéticas e as redes de telefonia favoreceram as condições para que a sociedade tivesse a experiência com o instantâneo, o imediatismo no cotidiano. Se refletirmos a respeito dessa velocidade e aceleração na contemporaneidade, vemos que as transformações não foram somente nas organizações produtoras e disseminadoras de produtos, mas, também, nas mudanças dos padrões estruturais dos pilares da sociedade. Harvey (1993) e Castells (2001) realizaram estudos sobre as tecnologias, o tempo e o espaço social. A questão da temporalidade na produção do simbólico tem de ser vista de forma mais específica. Entender a produção e a circulação de imagens em uma sociedade ligada através de redes exige testar a temporalidade em que a imagem é capturada e transmitida em um processo quase que instantâneo. Sabemos que a internet possibilitou esse imediatismo na troca de informação em tempo real, aplicado em vários segmentos. Segundo Manuel Castells:

Pela primeira vez na história, surgiu um mercado de capitais global unificado, funcionando em tempo real. O tempo é crucial para a geração de lucros em todo sistema. É a velocidade da transação, às vezes com programação computacional automática para tomadas de decisão quase instantâneas, que gera o ganho – ou a perda. Mas também é a circularidade temporal do processo, uma sequência implacável de compras e vendas, que caracteriza o sistema (CASTELLS, 2001, p. 461-462).

A produção midiática sendo instaurada usando a prática da instantaneidade e a simultaneidade, proporciona para o jornalismo um modelo particular de influência, consequência da própria especificidade do papel do jornalismo na sociedade. É interessante ressaltar as características da produção jornalística em tempo real, mostrar como outros aspectos do jornalismo se manifestam e se consolidam. Além dessas duas características a periodicidade e novidade podem ser afetadas quando buscamos afirmar a existência de um modelo específico de jornalismo em tempo real. O jornalismo no tempo real tem como principal objetivo sanar o problema da defasagem entre o tempo e a produção da nova informação. A internet possibilitou que tal problema fosse minimizado e algumas práticas então foram adotadas, como o compromisso em produzir conteúdo referente ao tempo presente, que significa que o processo de colher informações tem de ser o mesmo ao tempo em que a informação é fornecida e quando ocorrer. Outra prática foi a instauração de um modelo de discurso padrão com o uso do tempo verbal sempre no presente.

Periodicidade também é uma característica do jornalismo atual diretamente afetada pelo modelo de jornalismo em tempo real com um ritmo de atualização contínua. Não seria possível falar em periodicidade se pensássemos na produção e disponibilização da notícia em fluxo contínuo na mídia. Produzir e disponibilizar notícias de forma contínua poderia significar que cortes no tempo do evento seriam superados por um relato de movimentos na velocidade do seu surgimento e não no tempo imposto por horários da produção jornalística (*deadline*).

Se os jornalistas construíssem as matérias ilustrando cada movimento, isso poderia levar a um novo modelo de editoração da notícia, sem a estrutura piramidal e fragmentária do evento, mas mesmo assim é outro modo de fazer jornalismo, ainda em consolidação. Historicamente as notícias produzidas durante o dia (*daily news*), eram ligadas às inovações tecnológicas da época e se instauravam no momento em que a sociedade encarava a industrialização, o surgimento do mercado consumidor e a aceleração da vida urbana. Cada mínimo fator temporal influenciou e contribuiu, ao seu modo, para a constituição do jornalismo e de seu produto, a notícia, e para impor formas de sua produção.

A velocidade das redes eletrônicas digitais faz o jornalismo em tempo real consolidar-se, buscando atender às necessidades através do instantâneo, podendo resultar no rompimento com estruturas práticas já realizadas, como a produção

periodizada. Mesmo assim, uma inserção de produção contínua surge ligada a certas periodizações, que parecem ser comuns ao leitor na mídia on-line. Nas emissoras de televisão, os programas com segmentos específicos ainda seguem um sistema periódico mantendo a grade da programação ainda existente.

De forma diferente, as publicações impressas, analisadas isoladamente, não se encaixam no jornalismo de tempo real, pois exigem maior estruturação e produção muito mais complexa. As produções de antigamente, conhecidas como edição extra, também deixaram de ser uma tática da mídia impressa, justamente por ter um custo muito elevado de produção e não corresponder ao “sacrifício” de uma impressão a mais. Tentou-se de diversas formas solucionar o problema da desatualização do impresso que concorria com meios de comunicação mais rápidos. A solução mais eficiente foi a criação de portais on-line abrigando o impresso, em que a convergência dessas mídias permitiu a troca de ferramentas intermeios para se completarem.

Com a criação da mídia on-line, modificou-se a relação do leitor com o suporte da web. Os jornais impressos na plataforma on-line se atualizam minuto a minuto, onde são constantemente alimentados com novos fragmentos de notícia que se completam e dão ao usuário (leitor) uma gama de informações que somente com o uso do banco de dados on-line foi possível de serem disponibilizadas. Veicular notícias a cada 60 segundos, 24 horas por dia, sete dias por semana, levou a uma alteração no conceito sobre periodicidade.

Na sociedade contemporânea, as condições da experiência temporal vêm sendo profundamente modificadas pelas novas tecnologias da comunicação. O efeito SIG (simultaneidade, instantaneidade e globalidade) já está definitivamente inscrito na temporalidade cotidiana, abolindo todas as distâncias espaço-temporais. Mas a já antiga notícia de jornal inscreve desde sempre uma diretiva de construção do tempo social pela pontuação no ritmo dos acontecimentos, que é fato o caminho para a fixação temporal da atualidade num presente (SODRÉ, 2005, p. 07).

O jornal não possui mais uma edição que é encerrada e disponibilizada em conjunto. Esta característica geral do jornalismo em tempo real valorizando a produção e veiculação de conteúdos em fluxo contínuo alcançou um padrão intensificado. Isso é refletido na edição. De forma geral, editar é selecionar aquilo que tem maior relevância para ilustrar um fato dentro de um formato, espaço,

duração ou posição específica. A página diagramada no jornal on-line ultrapassa as noções de espaço e tempo clássicas do jornalismo, isso porque anexa o hipertexto como uma ferramenta de organização e ligação lógica de conteúdos, “linkando” conteúdos diversos. Mas se a cada 60 segundos é necessário disponibilizar uma nova notícia, o tempo de edição se reduz drasticamente, o que dificulta conexões e contextualizações mais ricas e complexas. Porém, toda essa demanda de notícias e a produção contínua e quase instantânea afetam todos os processos, desde a produção, passando pela edição, até a publicação de informação. Estes fatores também alteram a forma como o profissional colhe a informação e relata, desequilibrando a linha editorial, sem saber mais o que é de suma relevância ou apenas mais um fato corriqueiro sem importância. A notícia deixa de ter o fator exclusivo, noticioso, e passa a ser uma novidade.

4.4 O Fragmento Minuto a Minuto

Analisando o conceito de novidade, como notícia, percebemos que o produto noticioso perde suas características, uma vez que a transição de informação da sociedade é muito rica, renovando-se a todo instante, surgindo novos conteúdos a todo instante. Aplicado ao jornalismo, o termo cria uma consciência das trocas complexas que a novidade instaura ao produzir um campo mais amplo. Não podemos deixar de citar que a novidade anexa uma característica ativa na cultura social, justamente por se tratar de uma simbologia construída para definir ou apontar que alguns fatos surgem ou se desdobram através de um fluxo processual. No jornalismo, a novidade possui um sentido operativo, como um critério de “noticiabilidade” construído e compartilhado, por profissionais (jornalistas) e pelos usuários (público). Porém, para um fato ser considerado novidade é preciso levar em conta alguns outros fatores para se tornar algo noticioso.

Para que a produção contínua seja possível, é fundamental que haja um número suficiente de fatos à serem relatados e é neste ponto que a novidade se encaixa, mesmo sem ter todos os critérios do jornalismo clássico para que seja considerada uma notícia, o novo assume forma de um fato isolado que ganha peso, através do suporte on-line conectado com outros fatos, também novidades. Compete

ao jornalista multiplicar a sua produção, fragmentando as notícias, não que seja necessário dividir um fato em segmentos, mas construir, com pequenas informações fornecendo praticamente toda ela, e a atualizando periodicamente durante o dia ou qualquer que seja relevante o espaço temporal.

Fragmentar um fato em segmentos menores que, unidos tornam-se um fluxo contínuo, pode representar uma forma simbólica da preservação da novidade em cada notícia publicada. Esses fragmentos podem “esquentar” a notícia como um todo, pois não foram divulgados ao público. Mas ao mesmo tempo em que acrescentam informação ao fato, podem reproduzir o sentido de continuidade, fazendo com que o leitor, acessando várias vezes o site e visualizando aqueles fragmentos, tenham a notícia como um todo. A temporalidade em que tais fragmentos são dispostos não é muito importante já que existem ferramentas no suporte on-line que unem as novidades e tornam esse fenômeno possível.

Se analisarmos os fragmentos isolados, eles são como notícias incompletas, desmembradas da informação principal, aderem um formato isolador. Os repórteres são obrigados a disponibilizá-los assim que tomam conhecimento daquela novidade elas são detalhes e pequenas informações anexas. Neste processo, mantém-se o mesmo formato já visto anteriormente em que os verbos são conjugados no presente para dar maior vivacidade à estória.

Essa prática do jornalismo na web é uma estratégia que pode reforçar uma ideia de efemeridade do conteúdo noticioso, já que cada pequeno corte na construção do evento, ao ser publicado, pode desatualizar o anterior. Alguns jornalistas como Willian Bonner (2009) encaram isso como um fator negativo no relato de notícias, alegando que a prática pode dar uma sensação de “esfriamento” da notícia, uma vez que os usuários acessam várias vezes durante o dia a mesma informação em busca de novas atualizações. Tal leitura repetitiva, com apenas alguns novos detalhes, poderia ser o causador dessa sensação de desatualização, envelhecimento do fato.

O jornalismo on-line não deixa de fora as outras possibilidades na maneira de criterizar a notícia, como o fator inesperado ou imprevisível. Outros autores acreditam que esta não é uma prática do jornalismo clássico, no modelo em que as redações lutam por divulgar primeiro uma notícia. Neste novo cenário quem tem o maior número de fragmentos é que pode fornecer uma informação mais completa, já

que praticamente todos os jornais possuem suas versões on-line e podem divulgar instantaneamente aquele fragmento assim que ele se torna conhecido.

Tal experiência que o leitor pode desfrutar não acaba por aí. A internet fornece uma gama de outras possibilidades usadas pelo jornalismo on-line para se fortalecer e enriquecer o conteúdo publicado. A convergência entre os meios fazendo o uso da rede como mantenedora ainda lança à mão dos usuários recursos infinitos, os formatos são vários. A mesma notícia que se lê, também pode ser encontrada em vídeo postado no site pelo próprio canal de notícias daquele jornal. Outros links remetem o leitor a fatos anteriores dispostos no banco de dados, favorecendo uma relação do fragmento atualizado com aquela primeira informação divulgada no começo do relato da notícia.

Outra forma bastante usada para manter o usuário bem informado é a conexão entre provedores, outros softwares que também utilizam a internet agregam mais informação à mesma notícia, fragmentado ainda mais o conteúdo e possibilitando a convergência da convergência. Vídeos sobrepostos a outros, e viagens simuladas tridimensionalmente na rede, links com conteúdo textualizado e formatos em áudio renovam a experiência do leitor ao se informar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teórico do jornalismo atual está sendo reduzido de forma conceitual, certamente por causa dessa dificuldade em unir as várias facetas e dimensões da prática jornalística. Ao invés de construir um modelo sólido e integrado, os estudos estão cada vez mais investigando os aspectos isolados, em o tema da atualidade do jornalismo aparece dissolvido (diluído) em um conjunto mais amplo e disperso de pressupostos e problemas. Isto é, com certeza, uma característica do próprio jornalismo como objeto de conhecimento científico, segmentado por várias perspectivas teóricas que mais fragmentam do que unem o objeto.

Podemos perceber com toda a análise do material contido neste trabalho que ainda há muito para pesquisar e analisar sobre o novo telejornalismo. Os textos indicam que estamos passando por uma fase de transição para o digital, que esse período será de longo prazo e que a convergência das mídias irá proporcionar um convívio ainda existente entre as tecnologias tradicionais e as novas. Este trabalho proporcionou a exposição das características da ligação entre o telejornalismo e a tecnologia para acrescentar mais informações aos estudos de outros autores.

Outras mídias acrescentaram novos níveis de conhecimento que puderam ser repassados para gerações futuras. Os meios de comunicação de massa e os serviços de informação são importantes nessa função interpretativa. Deixam sua marca na visão de mundo passada por eles. Porém, o avanço das novas tecnologias de comunicação permitiu que as pessoas com interesses comuns pudessem discutir, alterando, inclusive, a pauta de notícias que serão veiculadas pelos meios de comunicação. Ao estudar os processos da produção jornalística a partir da tecnologia, mostramos sua utilização como forma de evolução, sempre atrelada uma à outra, desenvolvendo em conjunto e em função das necessidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGRIMANI, SOBRINHO Danilo. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Sumus, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura Popular na idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebalais*. SP, Hucitec e Brasília, Universidade de Brasília, 1987.

BARNHURST, Kevin; NERONE, John. *The Form of News: A History*. New York: The Guilford Press, 2001.

BARNOUW, Erick. "Historical Survey of Communication Breakthroughs". In: *The Communications Revolution in Politics*. (Org.) Gerald Benjamin, Academy of Political Science Relatories 34, n.4. 1982.

BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. São Paulo: Nova Fronteira, 1857.

BONNER, William. *Jornal Nacional, modo de fazer*. São Paulo: Globo, 2009.

BRIGGS, Asa. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede - A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura (vol. 1)*. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHILDE, Gordon. *What Happened in History*. Penguin Books, 1954.

DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

DEUZE, Mark. *Online Journalism: Modelling the First Generation of News Media on the World Wide Web*. *First Monday*. Vol 6, Nº 10 (October 2001). Disponível em http://firstmonday.org/issues/issue6_10/deuze/index.html. Acesso em 10/08/2009.

DIZZARD, Wilson. *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2000.

- GASSET, José Ortega y. *The Revolt of the Masses*. Nova York: W. W. Norton, 1932.
- HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. São Paulo, Edições Loyola, 2008.
- HUNT, Lynn. *A invenção da pornografia. Obscenidade e as origens da modernidade 1500 – 1800*. São Paulo, Hedra, 1999.
- KELLNER, Douglas. *A Cultura da mídia*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- MANOVICH, Lev. *The language of new media*. Cambridge: MIT, 2001.
- PALACIOS, Marcos. *O que há de (realmente) novo no jornalismo online?* BA, 1999.
- PAVLIK, John. *New media technologies and the information highway*. Allyn & Bacon.
- PINTO, Álvaro Vieira. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho*. Petrópolis, Vozes. 1942.
- _____. *Reinventando a cultura*. Petrópolis, Vozes, 1996.
- SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. *O que é mesmo uma notícia?* Petrópolis, Vozes, 2005.
- SINGER, Ben. “Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular”. In: Leo Cherney e R. Schwartz (org.) *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001, pp. 115-148
- VILCHES, Lorenzo. *A migração digital*. São Paulo: Loyola, 2003.
- VIRILIO, Paul. *Velocidade e Política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.